

A RELAÇÃO COM A CASA E A COMUNIDADE LGBTQIA+ NO ISOLAMENTO SOCIAL

Submetido em 21 de junho de 2020

Aceito em 27 de outubro de 2020

Fabiano Saft

fabianosaft@gmail.com

Universidade da Serra Gaúcha

São Pelegrino - Caxias do Sul - Brasil

295

Relato de experiência

Formado em Psicologia desde 2016, sempre estive inclinado a atender a população LGBTQIA+ vítima das mais variadas formas de violência. Compreendo a comunidade LGBTQIA+ tão desigual quanto às metrópoles brasileiras. Existem LGBTQIA+ ricos, assim como existem LGBTQIA+ pobres. As violências apresentadas a estes grupos, entretanto, muitas vezes não são tão desiguais. Elas se apresentam de formas variadas, mas recorrentes, seja nos seus trabalhos, seja na sua família, em uma instituição religiosa, ou na rua. Enquanto o discurso da cisheteronormatividade, que automaticamente autoriza a heterossexualidade e suas formas de expressão como únicas possibilidades no mundo, for predominante em nossa sociedade, haverá alguma forma de violência às pessoas LGBTQIA+.

A graduação em Psicologia não é completa. Faço aqui um adendo à minha experiência, mas nos últimos meses tenho me dedicado a pesquisar as ementas das instituições de ensino e são poucas as que oferecem uma disciplina obrigatória, na grade curricular do curso, com orientação sexual e identidade de gênero. Portanto, não, a graduação em Psicologia não é completa e não propõe ressignificar a cisheteronormatividade. Para não ser leviano, existem docentes fantásticas e fantásticos e totalmente inclinadas a mobilizar seus discentes neste sentido. Esse fato, infelizmente, acaba por mobilizar somente ou grande maioria das pessoas que se identificam enquanto LGBTQIA+ a se dedicarem a pensar neste grupo. Não foi diferente comigo.

Sou gay e depois de muitos anos em psicoterapia, tenho mais domínio para falar sobre qualquer assunto correlacionado à minha infância, que sim, não diferente de outras narrativas, fui vítima de diversas formas de sequestro de afetividade, bullying escolar, abandono familiar, entre outras. Acho que de forma muito inconsciente, quando escolhi a Psicologia, já me propunha a isso. Confrontar a cisheteronormatividade. Talvez como forma de reparação ao que fizeram comigo e com muitos amigos.

O encontro da Psicóloga com uma pessoa LGBTQIA+, por sua vez, requer delicadeza. Longe de mim querer desnaturalizar as expressões e formas de vivências de nosso povo, pelo contrário. São inúmeros os relatos de pacientes, que chegavam a mim, com a demanda de que não tinham se sentido confortáveis o suficiente para “se abrir” com a outra colega. Existem um milhão de formas de deslegitimar alguém. É provável que algumas dessas pessoas tenham se sentido dessa forma. Para os que leem: existe neste “desabafo” uma crítica à Prática Psicológica. Afinal de contas, com quem a Psicologia está comprometida? Mas, longe de mim querer afastá-las da psicoterapia. A psicoterapia, mesmo antes de me graduar Psicólogo, foi capaz de recuperar algum resquício de empoderamento que existia em mim e me permitiu dizer: sou gay. Portanto, acredito que a Psicologia seja uma grade aliada. Correlacionando com o que eu já disse a respeito das instituições de ensino, basta que a profissional esteja apta a compreender as vicissitudes da vida e suas mais diversas formas de representação.

Aproveito o gancho para ressaltar que este não é um problema somente da Psicologia. Ainda essa semana, ouvi de uma amiga trans que somente buscaria ajuda médica se estivesse sufocada, uma vez que a presença dela em instituições de Saúde “não é bem-vinda” e a violência decorrente da deslegitimação que viria a sofrer ali, poderia ser pior do que qualquer outro sinal de adoecimento.

Aliado a isto, não são poucos os relatos, sejam de amigos ou pacientes, que denunciam que as delegacias e demais instituições voltadas à proteção do indivíduo também continuam a invisibilizar a nossa existência. A pessoa, vítima de LGBTfobia, que busca alguma delegacia para prestar queixa, também encontra ali um discurso cisheteronormativo, totalmente inclinado a deslegitimar as vidas LGBTQIA+. Trata-se, então, de algo estrutural.

A cisheteronormatividade está presente em todos os lugares: nas casas, nos ônibus, nas clínicas psicoterápicas e instituições de saúde, nas delegacias e nas escolas. Isto acontece porque o território é construído com a norma da heterossexualidade. Estamos imersos em um mundo cisheteronormativo.

Muito provavelmente por isso, grande parte de nossa comunidade optou por uma autossegregação. Trata-se de um processo histórico, onde pessoas LGBTQIA+ não eram bem-vindas em ambientes quaisquer: boates, bares, clubes, etc. Hoje, na maioria das cidades brasileiras e do mundo, existem estes espaços e até mesmo instituições religiosas, destinadas a comunidade LGBTQIA+. Como sinaliza Castañeda (2007), existe uma forte tendência por parte da comunidade LGBTQIA+ em uma “autossegregação”, consistindo na dificuldade em relacionar-se com os heterossexuais. Trata-se, sobretudo, de um mecanismo de defesa, uma vez que não nos sentimos seguros em ambientes que costumam nos ser hostis.

Para Espinheira (1993), a rua é tida como o lugar da perdição e abandono. São inúmeras conotações negativas que repetem-se em relação a este espaço, enquanto a casa representa o resguardo da vida. O mar revolto e o porto seguro. Ironicamente a comunidade LGBTQIA+ tem experimentado o inverso, diante às circunstâncias de isolamento social. Na rua podem-se viver múltiplas identidades. Não há lugar para o privado. Afinal de contas, a rua é coletiva.

Harvey (2014), em suas reflexões acerca do “direito à cidade”, nos convida a refletir que o direito à cidade está, na verdade, correlacionado com a ideia de mudá-la e reinventá-la de acordo com as nossas mais profundas necessidades e subjetividades. Trata-se de um direito, sobretudo coletivo, que reitere o princípio da liberdade de suas sociedades, uma vez que o que se chama de “subjetividade” é essencialmente social e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares.

Diante minha experiência, apesar das constantes lutas por acesso democrático às cidades, grande parte da população LGBTQIA+ continua a optar por estes lugares “guetificados”, por vermos nele um espaço de libertação, que vai de encontro e nos resguardam das violências sofridas em nossos bairros, trabalhos e sobretudo no seio familiar.

Ainda nesse sentido, é possível perceber a construção de um intenso sentimento de pertencimento, uma vez que este encontro com semelhantes contribui para o fortalecimento de nossa identidade/orientação sexual. É perceptível que tais lugares contribuem para a materialização de uma fraternidade e, principalmente, acolhimento.

Quando o isolamento social decorrente da pandemia de coronavírus (COVID-19) foi decretado, continuei meus atendimentos de forma online. Portanto, meu isolamento deixou de ser individual e passou a ser coletivo. A quarentena passou ser não apenas a “minha”, mas as de quem eu atendia também. O contexto do isolamento social trouxe desafios e problemas para as cidades e isto reflete diretamente nas relações interpessoais.

No contexto das pessoas LGBTQIA+ que não convivem com aceitação familiar, isto traduz-se, de uma forma explícita: a redução de sua “rede de apoio”, atrelada ao impulsionamento de violência doméstica. O conceito de rede de apoio pode variar a depender do contexto, mas aqui, diante do que já foi exposto, trata-se exclusivamente destes espaços que estão atrelados à liberdade e destes encontros com semelhantes, que rotineiramente reforçam e autorizam as nossas identidades. Além disso, o isolamento reforça uma convivência obrigatória com pessoas que não legitimam a nossa existência.

Inicialmente, foi um processo delicado trazer a psicoterapia para dentro de suas casas. Na minha percepção, a pandemia age descortinando opressões. É uma crise dentro de uma crise. Muitos dos meus pacientes optaram por fazer as sessões nas escadas de seus prédios, uma vez que ali seria mais seguro e sigiloso, pois não existe uma relação harmônica com a casa. Castañeda (2007), em um diálogo direto com as diversidades sexuais, aborda que quando uma pessoa se reconhece homossexual, não existem benefícios visíveis. Diferente disto, confrontam-se com um futuro isolado que tendenciosamente trará conflitos com a família e a sociedade. Assumir-se homossexual, em sua perspectiva, não parece uma volta ao lar, mas, antes, um exílio.

O modo como a família lida diante das diversidades de orientação sexual ou identidade de gênero estão intimamente correlacionadas à qualidade de vida e saúde da população LGBTQIA+. Vale salientar que a violência doméstica, hoje, constitui a principal

causa da morte de homossexuais. A rejeição ao indivíduo acarreta maior probabilidade de problemas de saúde mental como ansiedade, depressão ou ideação suicida. Importante ressaltar que diante desse cenário, a população Transexual tende a sofrer violências mais severas, atreladas à deslegitimação de sua identidade.

Schulman (2009) descreve a família como a proteção da crueldade social, mas uma vez que a família representa esta crueldade, o papel tende a ser inverso e a vítima há de transformar a sociedade em seu refúgio. O questionamento mais pertinente, seguindo essa lógica, é: onde há de refugiar-se de toda crueldade, sobretudo no contexto do isolamento social, a pessoa LGBTQIA+ vítima de vulnerabilidade?

Não obstante as grandes mídias, nos últimos tempos, terem dedicado mesmo que minimamente algum espaço de sua grade televisiva para assuntos pertinentes à comunidade LGBTQIA+ e mesmo que a LGBTfobia já tenha sido declarada crime pelo Supremo Tribunal Federal (STF), as violências continuam apresentando números viscerais e toda a vivência LGBTQIA+ permanece estagnada “à margem”. Viver ainda é o nosso maior desafio.

A ONU (Organização das Nações Unidas) reconheceu em um comunicado que a crise global está potencializando as dificuldades da população LGBTQIA+ e pede a atenção dos países à saúde e às violações de seus direitos humanos no contexto da pandemia. O comunicado destaca que ao ficar em casa, crianças, adolescentes e adultos LGBTQIA+ estão obrigados a uma exposição prolongada a membros da família que não os aceitam, o que aumenta as taxas de violência doméstica, agressões físicas e emocionais, assim como danos à saúde mental.

Seguindo o Conselho de Ética Profissional da Psicóloga, não estou apto a trazer e nem relatar casos. Mas de antemão, gostaria de frisar que refugiar-se nas escadas foi a menor forma de violência que pude acompanhar nesses últimos dois meses, desde que iniciei os atendimentos de forma online. A quarentena da população LGBTQIA+ que não vive em um contexto de aceitação familiar é violenta. Muitas estão sujeitas a estupro corretivo, agressão física, privação de alimentos, etc. Estar em casa, para muitos, é estar no inferno.

Enquanto Psicólogo gay, militante, muitas dessas coisas não eram novidades. Mas, em contexto de isolamento social, as coisas foram muito mais “desmascaradas” ou, como gosto de dizer, “descortinadas”. Entrar em contato com tamanho sofrimento, tamanhas privações, diversas formas de violência e, atrelado a isto, viver em um país com um (des)governo que não está preocupado com os Direitos Humanos, e pelo contrário, luta pelo fim destes, é assustador.

A minha quarentena foi fortemente mobilizada por essas percepções. Além do fato de estar isolado, sozinho, desde abril, venho tentando ressignificar várias ideias, inclusive a de tempo, para que me permita respirar. Fazendo uma analogia com a ideia de um avião que está a cair: é importante que você esteja apto a colocar a sua máscara primeiro, para que assim você possa ajudar a quem está ao seu lado. Basicamente o meu ofício resume-se a isto.

A comunidade LGBTQIA+, por sua vez, me traz forças para manter a coragem e a cabeça erguida. Como dito anteriormente, a existência ainda é o nosso maior desafio e ser ponta de lança não é fácil. Apesar das privações dos nossos becos e vielas, a fraternidade é viva. Está viva! Os abraços estão por vir. Abraços por Demétrio Campos, Marielle Franco, Natasha Ferreira Lobato e tantas outras vidas interrompidas por uma sociedade cisheteronormativa.

Precisamos nos propor a enxergar o sofrimento humano em articulação com o seu plano de vida. Vida essa em suas infinitas manifestações: dor, sofrimento, medo, desamparo, desigualdades, iniquidades, etc. Percepções essas que se renovam a cada encontro, pois cada pessoa é dona de uma história singular, que nos apresenta a complexidade da vida.

Enquanto Psicólogo, recorrentemente abordando a importância da intersetorialidade/interdisciplinaridade, e inclinado a lutar pela população LGBTQIA+ vítima de violência, sentindo também de maneira muito peculiar os movimentos de ressignificação que a pandemia nos tem proposto, aproveito a oportunidade para descortinar as questões acima citadas. Além disso, quero reiterar a importância da nossa luta, a fim de elaborar ações estratégicas e afirmativas, em prol da população vítima de violência, uma vez que todos esses

fatores apresentados constituem nada menos do que uma forte expressão da privação dos Direitos Humanos.

Perceber as diferentes quarentenas para a população LGBTQIA+ e a sua relação desarmônica com a moradia faz-se uma reflexão crucial, viabilizando reconhecer que vivemos em um mundo de opressões, que nega direitos e extermina pessoas. Entender as origens e mecanismos de perpetuação da LGBTQIA+fobia é o primeiro passo para combatê-la.

Referências

CASTAÑEDA, M. **A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas.** São Paulo: Girafa, 2007.

ESPINHEIRA, Gey. A casa e a rua. In: **Cadernos do CEAS**, nº 145, maio/junho, 1993. Salvador: Ceas, 1993

HARVEY, David. O direito à cidade. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo: PUCSP, 2012. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/neils-revista-29-port/david-harvey.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2020.

ONU. Organização das Nações Unidas. **UNAIDS e MPact manifestam preocupação com relatos de abuso contra pessoas LGBTI em meio à pandemia.** 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/unaidse-mpact-manifestam-preocupacao-com-relatos-de-abuso-contra-pessoas-lgbti-em-meio-a-pandemia/> Acesso em: 10 jun. 2020.

SCHULMAN, Sarah. **Ties that Bind: Familial Homophobia and Its Consequences.** New York: The New Press, 2009.